

Lendo & Relendo
CONTO

ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO

Tempo de histórias

DANIEL MUNDURUKU

Organização e apresentação de
HELOISA PRIETO

PROJETO DE LEITURA

Douglas Tufano
Maria José Nóbrega



SALAMANDRA

Leituras da vida

DOUGLAS TUFANO

O homem não encontra sua imagem na extensão dos conhecimentos que adquire; ele encontra uma imagem de si mesmo nas perguntas que faz.

(André Malraux, escritor francês, 1901-1976)

A vida palpita na literatura.

A experiência da leitura nos faz mergulhar no âmago da vida, nos descortina outras formas de existência, nos abre horizontes insuspeitados, nos leva de volta para dentro de nós mesmos, nos inquieta com perguntas provocantes. Essa é a grande força da literatura e, por isso, ela deve ser introduzida na sala de aula — porque tem uma função educativa, e não meramente escolar.

A literatura não traz respostas; ao contrário, ela é, na verdade, uma pergunta que desafia o leitor. E a boa literatura nada mais é do que uma boa pergunta, daquelas que nos fazem refletir, que mexem com nossas convicções e alargam nossos horizontes, exatamente como deve ser a boa educação intelectual.

Por isso, quando lemos literatura, lemos a vida. Quando discutimos um texto, discutimos a vida, as reações humanas, os problemas da existência. Aparentemente, ela nos distancia da realidade, mas só por alguns momentos, pois logo em seguida nos devolve ao mundo ainda mais lúcidos. Como diz o escritor alemão Hermann Hesse, “não devemos ler para esquecer-nos de nós mesmos e de nossa vida cotidiana, mas, ao contrário, para reassumir em nossas mãos firmes e de maneira mais consciente

e madura a nossa própria existência. Devemos ir aos livros não como alunos tímidos que temem aproximar-se de mestres frios e indiferentes; não como os ociosos que passam o tempo a beber. Mas, sim, como alpinistas a galgar alturas, como guerreiros que acorrem ao quartel para buscar armas”.

A variedade de gêneros textuais desta coleção de antologias — crônica, teatro, poesia, carta, conto, cordel etc. — amplia o horizonte dos jovens leitores e constitui, por si só, um agente motivador de leitura. E como os livros são compostos de textos curtos, os alunos podem lê-los na própria sala de aula, facilitando o acompanhamento do professor, que deve ser um incentivador, aquele que cria condições para os debates de idéias, que sabe escolher as atividades mais adequadas às turmas. O professor participa como um dos leitores dos textos, mas um leitor especial, por sua experiência, e não por ser uma presença autoritária, que imponha uma interpretação. Ao contrário, ele deve estar sempre aberto à participação dos alunos, mas sem esquecer de ensiná-los a examinar criticamente suas interpretações.

Por meio dos livros desta coleção, o aluno terá ainda uma visão abrangente da cultura brasileira. Terá a oportunidade

de fazer vários percursos históricos, conhecendo autores de hoje e de ontem. Passará pela literatura de cordel, pelo folclore, pela história. Tomará contato com uma ampla variedade de estilos literários e afinará sua sensibilidade para questões de linguagem.

No mundo de hoje, massificado e massificante, o trabalho com a leitura se torna mais urgente do que nunca. Ajudar o aluno a se tornar um leitor crítico é ajudá-lo a se desenvolver como pessoa, é dar-lhe autonomia de pensamento. Discutir com ele as questões suscitadas pela leitura é estimular-

lhe o raciocínio, fazê-lo perceber as várias facetas de um problema, é ensiná-lo a considerar as coisas de outros pontos de vista, a levar em conta os argumentos alheios. É, enfim, ajudá-lo a se tornar maduro e a ser autocrítico.

A vida palpita na literatura.

Saibamos recriar essa vida na sala de aula, ajudando os alunos a perceber que os livros convidam a um diálogo, a uma troca de idéias, e que toda leitura, no fundo, é um reencontro do leitor consigo mesmo, em busca de respostas para suas inquietações mais profundas.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido

ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.

- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ANTOLOGIA DE CONTOS INDÍGENAS DE ENSINAMENTO

Tempo de histórias

DANIEL MUNDURUKU

Organização e apresentação de
HELOISA PRIETO

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Daniel Munduruku nasceu em Belém do Pará e cresceu em meio à tribo indígena dos mundurukus. Formado em Filosofia, foi professor durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor em São Paulo. Desenvolve atividades como contador de histórias em escolas da rede pública e particular de São Paulo e de outros estados. Participa, freqüentemente, de ciclos de palestras e conferências, sempre destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Tem diversos livros publicados, entre os quais *Coisas de índio* e *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, que receberam a menção de Livro Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atua ocasionalmente em filmes e documentários, como *Hans Staden*, premiado no Festival de Cinema de Gramado.

RESENHA

Em meio à confusão e inquietude incessante das grandes cidades, regidas pelo tempo do relógio — um ditador que nos engole e exaure

Tempo de histórias

DANIEL MUNDURUKU

Organização e apresentação de
HELOISA PRIETO

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Daniel Munduruku nasceu em Belém do Pará e cresceu em meio à tribo indígena dos mundurukus. Formado em Filosofia, foi professor durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor em São Paulo. Desenvolve atividades como contador de histórias em escolas da rede pública e particular de São Paulo e de outros estados. Participa, freqüentemente, de ciclos de palestras e conferências, sempre destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

5

Tem diversos livros publicados, entre os quais *Coisas de índio* e *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, que receberam a menção de Livro Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atua ocasionalmente em filmes e documentários, como *Hans Staden*, premiado no Festival de Cinema de Gramado.

RESENHA

Em meio à confusão e inquietude incessante das grandes cidades, regidas pelo tempo do relógio — um ditador que nos engole e exaure

pedindo sempre maior pressa, maior produtividade e maior eficiência —, Daniel Munduruku nos vem falar de um outro tempo: um tempo circular, afinado à natureza e ao nosso ritmo interior. O autor relata um pouco de sua vida, ao mesmo tempo em que nos presenteia com histórias da tradição do seu povo — histórias que nos ajudam a aprender a viver. Ficamos sabendo o modo como Daniel, ou Derpó, como ele é chamado entre os mundurukus, escolheu deixar de lado o mundo harmonioso e protegido em que cresceu para se aventurar pelo mundo desconhecido e caótico da cidade grande. Essa escolha difícil foi motivada por uma promessa feita a seu avô: a de passar adiante sua sabedoria. É assim que Daniel se torna professor ou, como ele costuma dizer, “confessor de sonhos”.

Se parte do seu conhecimento adquirido na infância tornou-se inútil na cidade (como caçar e subir em árvores, por exemplo), a sabedoria de seus ancestrais foi fundamental para que conseguisse sobreviver em território estranho. Às teorias sofisticadas aprendidas na faculdade de Filosofia, que muitas vezes apenas multiplicavam dúvidas e inquietações, Daniel antepõe uma filosofia mais simples, mas talvez mais humana — a de abrir cada dia como um novo presente e a de viver a vida sem ansiedade, afinando-se com seu ritmo interno.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Essa não é uma antologia de contos em sua forma tradicional — não se trata de uma coletânea de contos esparsos reunidos com o objetivo de oferecer ao leitor um panorama da produção literária a partir de um determinado tema. O que temos aqui são contos que aparecem ligados a um contexto — a visão de mundo e o universo pessoal de Daniel Munduruku. Como bem sugere Heloisa Prieto em sua apresentação, o que temos é um tecido de histórias intercaladas a outras histórias, como

no clássico *As mil e uma noites*. Um tecido feito de histórias, experiências pessoais e reflexões do autor. Os contos indígenas não aparecem como meros objetos de curiosidade antropológica — são narrativas vivas, que nos estimulam a rever nossos parâmetros. Ao nos relatar suas experiências de infância junto aos mundurukus, o autor nos insere no contexto do qual brotam as histórias que conta. Ao nos revelar sua visão a respeito da cidade grande, nos permite dirigir ao mundo um olhar crítico. Daniel oferece histórias para um mundo carente de mitos e ritos de passagem; um mundo em que somos obrigados a nos lançar para a vida absolutamente inseguros e despreparados — sem o apoio de uma tradição coletiva, de uma sabedoria que nos ampare.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: contos indígenas, memórias
Palavras-chave: amadurecimento, sonhos, escolhas, descobertas, perdas, mudanças
Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Educação Artística
Temas transversais: Pluralidade cultural, Ética
Público-alvo: jovem adulto

Antes da leitura

1. Verifique se seus alunos conhecem algum conto da tradição indígena. Existem alguns bem conhecidos, como o do guaraná, o da vitória-régia e o do nascimento das estrelas. Caso conheçam algum, peça que o relatem oralmente para a classe.

2. O título especifica que os contos são “de ensinamento”. Investigue o que seus alunos imaginam que possa ser um conto de ensinamento.

Durante a leitura

A palavra “antologia”, presente no título, pode

6

sugerir que o livro seja apenas uma simples coletânea de contos — o que não é o caso. Antecipe que o livro que estão prestes a ler se organiza de modo diferente. Peça que os alunos atentem para o modo como diferentes contos se intercalam no decorrer do texto.

Depois da leitura

♦ nas tramas do texto

1. Converse um pouco com os alunos sobre as diferentes narrativas e formas de narrar presentes no texto. Verifique se eles percebem que o autor intercala pelo menos três tempos em sua narrativa: um tempo mais atual, em que ele fala de sua experiência como professor numa escola do ensino médio; um tempo mais remoto, em que ele relata suas experiências de infância junto aos mundurukus até que decide se mudar para a cidade grande; e, por fim, um tempo mítico, simbólico, presente nos contos tradicionais de sua tribo, que lhe foram contados pelos seus pais e avós.

2. Esses “contos de ensinamento” falam, fundamentalmente, de crescimento, de perda e de mudança, porém não de modo pessimista, mas de modo sereno e esperançoso. Proponha a seus alunos que procurem identificar as principais transformações sofridas por Daniel no decorrer de seu relato, apontando os momentos-chave de sua história.

3. No decorrer do livro, o autor nos fala de um outro tempo, diferente do tempo do relógio, para o qual muitas vezes nos esquecemos de atentar. Discuta com seus alunos a natureza desse “outro tempo” e as razões pelas quais ele se diferencia do tempo ocidental.

4. O autor finaliza seu livro com um poema de Alberto Caieiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Dê aos alunos algumas infor-

mações sobre a obra desse importante poeta, comentando seus heterônimos e se demorando um pouco mais sobre Alberto Caieiro, um “guardador de rebanhos”, que Pessoa considerava o mais sábio de todos. Releia, então, o poema com a classe e discuta com os alunos o modo como os versos de Caieiro sintetizam a visão de mundo de Daniel Munduruku.

5. Peça aos alunos que realizem uma pequena pesquisa sobre o modo de vida de outras tribos indígenas brasileiras — seus hábitos, seus costumes, seus mitos e suas crenças. Seria interessante reunir lendas de outras tribos para ler para a classe.

6. Peça aos alunos que tentem se lembrar de uma história que leram ou ouviram e que tenha sido bastante significativa em algum momento de sua vida. Proponha que eles, à maneira de Daniel Munduruku, recontem essa história, relatando também, como pano de fundo, o momento de sua vida em que ela foi importante. Sugira a eles que escolham um poema com o qual se identifiquem para finalizar seu relato.

7. Ao término do trabalho, uma boa idéia é organizar uma antologia com as narrativas produzidas e os poemas escolhidos pelos alunos. Seria interessante conversar com o professor de Arte para ajudá-los a produzir ilustrações e uma capa para a antologia.

♦ nas ondas do som

A música indígena é de uma riqueza e sensibilidade notáveis. Que tal penetrar um universo de sons bastante diferente da música à qual estamos habituados? Marlui Miranda pesquisou e estudou a música indígena por muitos anos e desenvolveu um trabalho notável no CD *IHU*

— *todos os sons*, produzido pela gravadora Pau Brasil, com músicas e canções de diversos povos indígenas brasileiros.

DICAS DE LEITURA

♦ do mesmo autor

Histórias de índio — São Paulo, Companhia das Letrinhas
Coisas de índio — São Paulo, Callis
As serpentes que roubaram a noite e outros mitos — São Paulo, Callis
Histórias que eu ouvi e gosto de contar — São Paulo, Callis

♦ sobre o mesmo gênero

O livro das árvores dos índios Ticuna — Organização de Jussara Gomes Gruber, Rio de Janeiro, Global
Primeiro homem e outros mitos dos índios brasileiros — Betty Mindlin, São Paulo, Cosac & Naify

♦ leitura de desafio

O encantador poema que Daniel Munduruku escolhe para fechar seu livro pode ser um convite para penetrarmos um pouco mais no universo de Alberto Caieiro, um dos mais apaixonantes heterônimos de Fernando Pessoa. Sugirimos *Poemas completos de Alberto Caieiro*, publicado pela Nova Fronteira.



SALAMANDRA

sugerir que o livro seja apenas uma simples coletânea de contos — o que não é o caso. Antecipe que o livro que estão prestes a ler se organiza de modo diferente. Peça que os alunos atentem para o modo como diferentes contos se intercalam no decorrer do texto.

Depois da leitura

◆ *nas tramas do texto*

1. Converse um pouco com os alunos sobre as diferentes narrativas e formas de narrar presentes no texto. Verifique se eles percebem que o autor intercala pelo menos três tempos em sua narrativa: um tempo mais atual, em que ele fala de sua experiência como professor numa escola do ensino médio; um tempo mais remoto, em que ele relata suas experiências de infância junto aos mundurucus até que decide se mudar para a cidade grande; e, por fim, um tempo mítico, simbólico, presente nos contos tradicionais de sua tribo, que lhe foram contados pelos seus pais e avós.

2. Esses “contos de ensinamento” falam, fundamentalmente, de crescimento, de perda e de mudança, porém não de modo pessimista, mas de modo sereno e esperançoso. Proponha a seus alunos que procurem identificar as principais transformações sofridas por Daniel no decorrer de seu relato, apontando os momentos-chave de sua história.

3. No decorrer do livro, o autor nos fala de um outro tempo, diferente do tempo do relógio, para o qual muitas vezes nos esquecemos de atentar. Discuta com seus alunos a natureza desse “outro tempo” e as razões pelas quais ele se diferencia do tempo ocidental.

4. O autor finaliza seu livro com um poema de Alberto Caieiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Dê aos alunos algumas infor-

mações sobre a obra desse importante poeta, comentando seus heterônimos e se demorando um pouco mais sobre Alberto Caieiro, um “guardador de rebanhos”, que Pessoa considerava o mais sábio de todos. Releia, então, o poema com a classe e discuta com os alunos o modo como os versos de Caieiro sintetizam a visão de mundo de Daniel Munduruku.

5. Peça aos alunos que realizem uma pequena pesquisa sobre o modo de vida de outras tribos indígenas brasileiras — seus hábitos, seus costumes, seus mitos e suas crenças. Seria interessante reunir lendas de outras tribos para ler para a classe.

6. Peça aos alunos que tentem se lembrar de uma história que leram ou ouviram e que tenha sido bastante significativa em algum momento de sua vida. Proponha que eles, à maneira de Daniel Munduruku, recontem essa história, relatando também, como pano de fundo, o momento de sua vida em que ela foi importante. Sugira a eles que escolham um poema com o qual se identifiquem para finalizar seu relato.

7. Ao término do trabalho, uma boa idéia é organizar uma antologia com as narrativas produzidas e os poemas escolhidos pelos alunos. Seria interessante conversar com o professor de Arte para ajudá-los a produzir ilustrações e uma capa para a antologia.

◆ *nas ondas do som*

A música indígena é de uma riqueza e sensibilidade notáveis. Que tal penetrar um universo de sons bastante diferente da música à qual estamos habituados? Marlui Miranda pesquisou e estudou a música indígena por muitos anos e desenvolveu um trabalho notável no CD *IHU*

— *todos os sons*, produzido pela gravadora Pau Brasil, com músicas e canções de diversos povos indígenas brasileiros.

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Histórias de índio — São Paulo, Companhia das Letrinhas

Coisas de índio — São Paulo, Callis

As serpentes que roubaram a noite e outros mitos — São Paulo, Callis

Histórias que eu ouvi e gosto de contar — São Paulo, Callis

► sobre o mesmo gênero

O livro das árvores dos índios Ticuna — Organização de Jussara Gomes Gruber, Rio de Janeiro, Global

Primeiro homem e outros mitos dos índios brasileiros — Betty Mindlin, São Paulo, Cosac & Naify

► leitura de desafio

O encantador poema que Daniel Munduruku escolhe para fechar seu livro pode ser um convite para penetrarmos um pouco mais no universo de Alberto Caeiro, um dos mais apaixonantes heterônimos de Fernando Pessoa. Sugerimos *Poemas completos de Alberto Caeiro*, publicado pela Nova Fronteira.



SALAMANDRA